

SEUS OLHOS, MEUS OLHOS, NOSSOS OLHOS D'ÁGUA

Emerson Oliveira do Nascimento

Possui graduação em Filosofia pela Universidade Católica de Campinas, estudos por três anos no Conservatório Musical de Tatuí, tocando em seguida em orquestras e bandas musicais. Atualmente cursa Mestrado (Filosofia) na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

Resumo

O texto em questão tem por princípio anunciar-se como um ensaio. O objeto de sua crítica será a obra de Conceição Evaristo intitulada, “Olhos D’água” de 2020. Essa obra traz um compêndio de dezessete pequenos contos que, na leitura apresentada, representa uma unidade. Uma unidade que não só nos diz de um espaço geográfico em comum, como lança aos nossos olhos um sujeito ao qual, historicamente relegado por nós, ocupa um espaço de puro esquecimento. Provocaremos o leitor anunciando que Conceição, na verdade, com esse texto, nos apresenta um espelho e nesse espelho um sujeito que, drasticamente o reflexo, negamos olhar

Palavras-chave: presente, temporalidade, espelho, reflexo.

Abstract

The text in question has the principle of announcing itself as an essay. The object of his review will be the work by Conceição Evaristo entitled, “Water Eyes” from 2020. This work brings a compendium of seventeen short stories that, in the presented reading, represents a unit. A unit that not only tells us about a common geographic space, but also casts before our eyes a subject to whom, historically, relegated by us, occupies a space of pure oblivion. We will provoke the reader, announcing that Conceição, in fact, with this text, presents us with a mirror and in that mirror a subject that, drastically the reflection, we refuse to look at.

Keywords: present, temporality, mirror, reflection

Introdução

*Despencados de voos cansativos
Complicados e pensativos
Machucados após tantos crivos
Blindados com nossos motivos*

*Amuados, reflexivos
E dá-lhe antidepressivos
Acanhados entre discos e livros
Inofensivos
Será que o sol sai pra um voo melhor?
Eu vou esperar, talvez na primavera
O céu clareia, vem calor
Vê só o que sobrou de nós e o que já era.*
(EMICIDA, Passarinho, 2015)

Há quem diga que um romance, figura sim, como um espelho. Todavia, o que nos reflete põe em nossa frente, nossas culpas, nossos anseios, mas nunca nada além de nós mesmos. Tudo ali nos é familiar e, então, se for um bom romance, um espelho e um bom reflexo, saltamos para o centro dele e assumimos o mundo de lá como o mundo de cá. E quando nos convém, fechamos suas páginas, transpomos a borda do espelho ao lado de cá e dormimos o sono dos justos. O que nos aflige fica do outro lado. Acomodamo-nos. Temos a garantia, como Deus, de separar, com todas as nossas certezas, o que convém e o que não convém, catalogamos e hierarquizamos as questões por seu grau de importância, mas o que dispomos, como livros na estante, são as nossas vidas, lânguidas, monótonas, perdidas nas milhares de aventuras que se esboçam, sem jamais se comprometerem.

O mundo que se compõe, é o mundo dos “eleitos”. O mundo da necessidade, encadeado, sequencial. O mundo em que o homem, e não qualquer homem, é a medida de todas as coisas. O mundo em que a esperança tem passado, presente e futuro e todos somos beneficiários de garantias. Aqui, deste lado, categorizamos os sentimentos e o amor ao próximo, ainda que seja uma máxima, tem endereço certo. Nossa moral cristã amarra, com frágeis fios, todos os nossos costumes e por insegurança idealizamos a família, a religião, a política. Tudo habita o mundo da perfeição, inacessível às nossas consciências e corrompida pelos nossos corpos.

Se voltamos a esta “literatura reflexo”, a este espelho que tudo nos diz. O que reflete ele se não o que deliberadamente escolhemos? Ora, somos demagogos de nós mesmos, embebidos narcisicamente por nossa imagem, é por meio dela que se estende o mundo à nossa volta. Um mundo cuja arquitetura tem projeto específico, demarcando os espaços e nestes espaços quem deve ou não ocupá-los. Mas há um ponto de onde tudo parte do qual somos o início. Como imagem e semelhança, não criamos, mas ordenamos, categorizamos, dispomos as ideias como se ordenassem coisas. Nossa linguagem é viciada e viciosa. Pela palavra a honestidade padece em sua própria estrutura e ávidos por restaurar o que a realidade não dá conta, rifamos o presente em detrimento de um futuro. Ébrios, no caráter e no verbo, tomamos o

simples pelo o universal, trabalhamos demasiadamente, amamos na mesma proporção.

Repletos de nós mesmos fazemos de nosso mundo nossa imagem e semelhança. Um todo do qual, nada de fora pode participar e dele nada pode sair. Bem ao modelo da mônada leibniziana.

O que está em questão é que somos, em larga medida, todos salafrários. Salafário como aquele que renuncia a contingência de sua liberdade para se petrificar em valores externos que em troca o condicionam; O salafário, reivindica, sempre, uma existência de direito, vive sobre nuvens negando a existência dos fatos. Isto posto, o salafário é nada mais, nada menos, que o indivíduo que opta por fundir sua existência de fato, a sua posição social, a valores conservadores, imutáveis, herdados de geração em geração, valores que de antemão norteiam necessariamente um sentido a sua vida. Enfim, o salafário, é um eleito, um predestinado em que tudo harmonicamente está estabelecido.

Conceição Evaristo, nosso espelho

No entanto, Conceição Evaristo nos apresenta um espelho, e seu o reflexo é exatamente o que negamos ver. Não obstante, este reflexo se impõe comprimindo os limites de nossa negação. Fatigados de nós mesmos o reflexo nos íntima, é real, é duro, é transbordante em sua mais completa existência. Dos nossos olhos, com blefarostato em riste, ela rompe as pálpebras, para nos impelir. “Eis aqui. Veja!”. Despertamos, não há mais o que negar. Como um monolito, duro pelas agruras do tempo, um novo sujeito se apresenta, ele é novo para nós, mas não porque surge no momento presente, não, ele é novo porque o seu apagamento pelos últimos trezentos anos o legou ao esquecimento. Esquecemos a sua cor, a sua origem, a sua humanidade. No entanto, o sujeito de Conceição Evaristo tem uma peculiar forma de existir, ou de não existir. O trocadilho aqui é muito oportuno. Sua peculiaridade está no tempo, nos afetos, na proximidade real com a morte.

Podemos dizer que há, na obra “Olhos d’Água” de Conceição Evaristo uma metafísica da temporalidade? Acreditamos que sim. Mas o tempo em Conceição é tão somente o tempo presente. O sujeito de Conceição emerge de um passado que não é seu, foi-lhe imposto, para cravar âncoras em um presente sem espaço para o futuro. O presente se eleva como um lapso de tempo catastrófico, em que cuja circularidade se encerra nele mesmo. Deste presente não há uma janela que se abra para o futuro. As horas que avançam, cronologicamente, são incapazes de romper o ciclo, se elevam e caem como meteoros no mesmo lugar. Há a espera do próximo instante, mas ele não é capaz de saltar para a confiança incerta do futuro.

Assim era o presente que doía no peito de Ana Davenga.

O peito de Ana Davenga doía de temor. Todos estavam ali, menos o homem dela. Os homens rodeavam Ana. E as mulheres como se estivesse formando pares para uma dança, rodeavam seus companheiros, parando atrás de seu homem certo. Ana olhou todos e não percebeu tristeza alguma.

O que seria aquilo? (EVARISTO, 2020, p. 22)

Resposta? O presente. Escondido por trás de outro presente envolto neste jogo mimético de pique-esconde. O que se revela é o próprio instante que avança cronometrado, que se lança nas horas, mas se perde no tempo. As horas em Conceição elas não se quebram, perfazem gerando mais e mais caos. Nunca sabemos o que esperar no próximo segundo. Tudo está ali e agora, sem passado, só o presente que se liga a outro presente. Nunca um presente de esperança, por que se assim fosse, seria alçar desejos no futuro. Sempre presente do presente. E quando menos se espera a felicidade é rompida e o caos escoia pelos furos do presente ainda quente na cama de Ana e Davenga. “De cabeça baixa, sem encarar os policiais a sua frente, Davenga pegou a camisa e desse gesto se ouviram muitos tiros” (EVARISTO, 2020, p. 22).

Há esta complementaridade com o tempo nos personagens de Conceição, todos viram a chave do agora para o próximo agora, uma página em branco para outra página, também em branco. Tudo se perfaz, em uma contínua irracionalidade do tempo, sua duração constitui o próprio infortúnio do homem, o nosso, o de Conceição. Com presentes caóticos o sujeito de Conceição parte de um mesmo lugar que o sujeito de Faulkner. Em Faulkner o que se descobre é tão somente o presente, é o que diz Sartre a seguir:

Não o limite ideal cujo o lugar é plausivelmente demarcado entre o passado e o futuro: o futuro de Faulkner é catastrófico por essência; é o acontecimento que nos aborda como ladrão, enorme, impensável – que nos aborda e desaparece. Não há nada para além desse presente, já que o futuro não existe. O presente surge não se sabe de onde, expulsando um outro presente; é uma soma perpetuamente recomeçada. “E...e... e depois” (SARTRE, 2005, p. 94)

Ainda que tanto em Conceição quanto em Faulkner não exista a menor sombra de um possível futuro o que os diferencia são suas relações com o tempo. Conceição narra uma continuidade de presentes que não se separam:

Ana Davenga alisou a barriga. Lá dentro estava a sua, bem pequena, bem sonho ainda. As crianças, havia umas que de longe, ou às vezes de perto, acompanhavam as façanhas dos pais. Algumas seguiram pela mesma trilha. Outras, quem sabe, traçaram caminhos diferentes. E o filho dela com Davenga, que caminho faria? Ah, isso pertence ao futuro. Só que o futuro ali chega rápido o tempo de crescer era breve. O de matar ou morrer chega breve, também. (EVARISTO, 2020, p. 24)

A continuidade temporal se encerra nela mesmo, “tudo chega muito rápido”, pois não há o espaço para a maturação do futuro, em Conceição o presente está prenhe dele mesmo, de modo que jamais poderá gerar um futuro.

Por outro lado, contra a continuidade de Conceição está a quebra do tempo em Faulkner. Faulkner faz de sua narrativa uma adição de acontecimentos, rompidos por espaço e tempo. Ações que em um tempo presente explodem esfarelando-se pelo espaço. Explodem por que o tempo foi quebrado:

Fui até a cômoda e peguei o relógio com o mostrador ainda para baixo. Bati o vidro contra o canto da cômoda e pus os fragmentos em minha mão e os coloquei no cinzeiro e arranquei os ponteiros e também os coloquei no

cinzeiro. O relógio continuou a tiquetaquear”. (FAULKNER Apud, SARTRE, 2005, p. 94)

Como o futuro em Faulkner foi subtraído, as suas ações se dão sempre no passado, é sempre uma ação que já se fez. Os homens de Faulkner não tem porvir, nunca dizem “Eu sou, sempre dizem, eu era” O passado sempre ganha um contorno sólido, nítido. Está sempre à espreita, de olhos no presente.

Eu lhe dou o mausoléu de toda esperança e de todo desejo (o pai de Quentin lhe dá o relógio que pertencera ao avô dele). É mais que dolorosamente provável que você irá usá-lo para obter o *reducto absurdum* de toda a experiência humana, mas ele não satisfará suas necessidades individuais, como tão pouco satisfaz as dele (do avô) ou as de seu pai. Eu lhe dou para que você lembre do tempo, mas para que de vez em quando possa esquecê-lo por um momento e não gaste todo o seu fôlego tentando conquistá-lo. Porque nenhuma batalha jamais é vencida (...) Elas não são sequer travadas. O campo de batalha só revela ao homem sua loucura e seu desespero, e a vitória é uma ilusão dos filósofos e dos tolos. (FAULKNER Apud, SARTRE, 2005, p. 94)

Esse é o tempo de Faulkner. Um futuro inútil pelo que não há a menor condição de existir e se cogitado, não passa de uma tênue ilusão. Já o presente é esse mar agitado em que o passado retorna com frequência, com invasões grotescas de lembranças e obsessões. Esse é o homem de Faulkner, alguém privado de todos os possíveis, pois não há futuro, alguém explicado tão somente pelo passado constante, por aquilo que fora.

Já o homem de Conceição Evaristo é o homem do limítrofe, com os pés fincados no presente, busca sempre um avanço, mas não havendo futuro para seguir, retorna cabisbaixo. Para esses sujeitos. “A corda bamba do tempo, varal no qual estava estendida a vida era frágil, podendo se romper a qualquer hora (EVARISTO, 2020, p. 67). Às vezes, surge um arroubo de seguir a qualquer custo e então se corre, se corre para ganhar tempo, um tempo que se esvai, é o que faz o personagem no conto o “Cooper de Cida”. “Cida corria o tempo todo querendo talvez vazar o minguido tempo de viver” (EVARISTO, 2020, p. 65). A pressa de Cida certamente é um sintoma da vida presente, é uma posição obrigatória de uma temporalidade sem passado e sem futuro. O presente exige resultados, ele é urgente:

A vida seguia no ritmo acelerado de seu desejo. Trabalho, trabalho, trabalho. O dia entupido de obrigações. Noite festejada por encontro de rápidos gozos. Os amores tinham que ser breves. Cursos, estudos, somente aqueles que proporcionaram efeitos imediatos. Nada de sala de aulas durante anos e anos e de leituras infinitas. – Aprenda inglês em seis meses. Garantimos a sua aprendizagem em cento e oitenta dias. Nada de gastar o tempo curto e raro. É preciso correr, correr para chegar antes, ... (EVARISTO, 2020, pg. 67)

Todavia a pressa é um subterfúgio da urgência imediata, o sujeito de Conceição Evaristo, habita um não lugar, restrito, condicionado, arquitetado cuidadosamente para que assim seja. Qual a eficiência desta geografia? A negação perpétua do futuro. O sujeito de Conceição é exatamente aquele que se refere Aimé Césaire: “Falo de milhões de homens arrancados a seus deuses, suas terras, seus costumes, sua vida, a vida, a dança, a sabedoria. Estou falando de

milhões de homens que foram inteligentemente inculcados pelo medo, o complexo de inferioridade, o tremor, o ajoelhar-se, o desespero, o servilismo” (CÉSAIRE, 2020, p. 25). Esse resgate de Césaire se cristaliza no agora e a corrida de Cida assim como a espera de Ana Davenga, é uma corrida contra ela própria, não perdendo e não ganhando nunca.

Mas o limítrofe deste indivíduo não se restringe tão somente ao tempo. O andar sobre a corda-bamba em Conceição é uma questão premente, séria. Ele se estende também, e não tão somente como já vimos e veremos, ao tempo. A condição limite se apresenta largamente na condição dos afetos desse indivíduo. Um indivíduo que se coloca entre o amor e o ódio.

O amor em Conceição se liga também a sua disposição de temporalidade, como vimos o tempo que encara o indivíduo apresentado pela escritora, não tem passado, nem futuro, está encerrado no agora presente. O amor, nestas circunstâncias, sofre com a cronologia do tempo. O amor que herdamos no mundo ocidental é o desejo por aquilo que não possuímos, é uma falta, uma ausência que não se explica.³ Ora, mas aqui está o nó górdio. Se o amor para nós se apresenta como falta, a sua superação está na esperança. A grande questão é que a esperança é, em- si- mesma, um projeto do futuro. É esperar, no estrito senso do verbo, que o desejo se una ao objeto desejado. Mas, se o que está em jogo é a cronologia temporal do indivíduo que é apresentado por Conceição, e como vimos não lança mão ao porvir, pois ele não existe, o amor como *esperar* está comprometido. Se não há o que esperar, pois esperar é esperar pelo amanhã, e o amanhã não existe. Como se dá o amor? O amor é corporal, nada mais presente, nada mais real.

No conto Luamanda é perceptível esse processo, tanto o acesso a esse amor corporal quanto a negação dele. Luamanda tem um primeiro amor aos onze anos. “Sentimento esquivo, onde se misturavam revistas em quadrinhos, giz colorido, partilha de pão com salame” e logo depois, com a descoberta do amor pela mãe complementada pela surra. O corpo era o termômetro do sentimento. O mesmo que ama, sofre a dor de ser amado. “O amor dói?” (EVARISTO, 2020, p. 61). Sempre irá doer se o ponto de partida é o corpo. Aos treze anos Luamanda troca de corpo, troca de amor “...e ambos se lambuzavam um no corpo do outro”. (EVARISTO, 2020, p. 63).

Luamanda continua seu amor corporal, visceral, existente.

Depois, em outro tempo, quando já acompanhada de várias vivências, ela deparou-se com um homem que viria inaugurar novos ritos em seu corpo. Uma sensação estranha algo como um jorro-d’água ou um tapa inesperado caiu sobre o rosto de Luamanda, ao avistá-la pela primeira vez. Ele sorriu o sorriso desgrudando da face dele e mordendo lá dentro dela. (EVARISTO, 2020, p. 63)

³ Não te amo como se fosse rosa de sal, topázio/ ou seta de cravos que propagam o fogo: /amo-te como se amam certas coisas obscuras,/ secretamente, entre a sombra e a alma./ Amo-te como a planta que não floriu e tem/dentro de si, escondida, a luz das flores,/e, graças ao teu amor, vive obscuro em meu corpo/o denso aroma que subiu da terra./Amo-te sem saber/como, nem quando, nem onde,/amo-te diretamente sem problemas nem orgulho:/amo-te assim porque não sei amar de outra maneira,/a não ser deste modo em que nem eu sou nem tu és,/tão perto que a tua mão no meu peito é minha,/tão perto que os teus olhos se fecham com meu sono. (NERUDA, 1958, p.54).

O amor em Conceição Evaristo é isso, um amor que tem forma, conteúdo, extensão e profundidade. Eles se trocam, do mais velho para o mais moço, do maior para o menor, do rígido e intumescido para o flácido, do masculino para o feminino. O amor é uma dança de corpos⁴.

Mas o corpo que se apresenta tão proeminente para com o amor é ao mesmo tempo um receptáculo da dor. Amor e dor, neste ponto, são siameses. Disputam o mesmo espaço, se Luamanda tinha em seu corpo a disponibilidade para com o amor, o mesmo não se pode dizer do conto Di Lixão. O personagem neste conto segrega todo o corpo para a deliberação da dor.

A dor ao corpo não é nova no pensamento ocidental. O cristianismo reforça inúmeras vezes o sacrifício pela dor. Todavia, no pensamento cristão, a dor assume uma forma de purificação. A dor é uma condenação às inúmeras faltas cometidas pelo corpo que aprisiona a alma, forçando-a a um curso que não o da sua natureza. A dor figurada no cristianismo também pode tomar a forma de compaixão. E o instrumento corpo a conduz para o livramento e salvação dos demais, esse é o exemplo de Cristo. Um Cristo salvador que tomou todas as dores sobre si.⁵ Mas esse não é o caso de Di Lixão, que não está para salvar ninguém, muito menos salvar-se. A dor neste caso é uma condição de vida que se materializa no corpo. “O dente de Di Lixão latejava compassadamente. Ele era uma dor só. As dores haviam se encontrado. Doía o dente. Doíam as partes de baixo. Doía o ódio” (EVARISTO, 2020, p. 78).

O corpo do indivíduo em Conceição Evaristo, é um intermédio entre a necessidade de existir e a realidade da existência. A necessidade de existir ela conduz a luta diária para manter-se no tempo presente é o constante caminhar pela corda bamba, cujo fim parece determinado, a queda é límpida e certa. A realidade de existência é que este indivíduo é computado, quando muito, como estatística. O seu corpo é um corpo objeto, cujo fim só a morte pode dar conta. E ela, a morte, usa das mais diversas artimanhas. Ela foi ao encontro de Ana Davenga como força estatal, ao encontro de Duzu Querência, como alucinação. Pisoteou Maria por uma má interpretação e puro preconceito, postergou a vida de Natalina apesar do estupro violento⁶

Considerações finais

Mais que uma ceifadora de vidas, a morte, em Conceição Evaristo, firma um espaço cronológico. O presente ele pode apenas se voltar sobre si mesmo, mas jamais alçar vôos para o

⁴ E cada vez que uma mergulhava na outra, o suave encontro de suas fendas-mulheres engravidava as duas de prazer. E o que parecia pouco, muito se tornava. O que finito era, se eternizava. E um leve e fugaz beijo na face, sombra rasurada de uma asa amarela de borboleta, se tornava uma certeza, uma presença incrustada nos poros da pele memória. (EVARISTO, 2020, p. 63).

⁵ Verdadeiramente ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus, e oprimido. Mas ele foi ferido por causa das nossas transgressões, e moído por causa das nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados. Isaías 53:4,5

⁶ Todos são contos que estão no livro Olhos D'água que o leitor pode verificar, todos os contos com uma morte como fechamento.

futuro. A morte se coloca à espreita entre um e outro. Os indivíduos jamais esperam pelo amanhã, eles têm de súbito a vida retirada e o presente retorna. Os sujeitos eles nos encaram, fixam seus olhos nos nossos e nos interpelam. Nada do que se passa somos inocentes.

Por isso, Conceição Evaristo nos aponta um espelho. Ela quer que encaramos as mazelas de milhões de homens que foram inteligentemente inculcados pelo medo, o complexo de inferioridade, o tremor, o ajoelhar-se, o desespero, o servilismo. Mas ela o faz não para solicitar compaixão, ela o faz para nos afrontar nos mostrando no que nos convertemos. Ela nos expõe que somos uma civilização que optou e opta por fechar os olhos para seus problemas mais cruciais. Ela nos diz o quanto somos uma civilização doente.

O leitor verá, que ao longo do texto muitas questões foram apontadas, algumas respondidas, outras tantas ficaram em aberto, estas sim, requerem nossa atenção em pesquisas futuras. Mas fique aqui neste ensaio apenas a indicação que o texto de Conceição Evaristo, “Olhas d’água” é um espelho frente a nós do ao qual não podemos fugir ao reflexo. Esse reflexo não é outro senão nós mesmos que nos interroga:

“Qual a cor tão úmida dos seus olhos?”

Bibliografia

BÍBLIA SAGRADA. Trad. João Ferreira de Almeida Co-Edição. Casa Publicadora Assembléia de Deus. 1985.

CÉSAIRE, Aimè. **Discurso sobre o colonialismo**. Trad. Claudio Willer. São Paulo: Veneta, 2020.

EMICIDA, **Passarinho**. São Paulo: Laboratório Fantasma Produções Me. 2015.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d’água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

FAULKNER, Willian. **Sartoris**. Nova York: Jonathan Cape and Harrison Smith, 1929.

_____, **O Som e a Fúria**. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

NERUDA, Pablo. **Cem sonetos de amor**. trad. Nuno Júdice. - 2ª ed. - Alfragide : D. Quixote, 2019.

SARTRE, Jean-Paul. **Situações I**. Trad. Cristina Prado; prefácio de Bento Prado Júnior. São Paulo: Cosac Naify. 2005.